

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 2 | Nº 5 | Boa Vista | 2020

www.revista.ufrr.br/boca

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.3758058>



O FUTURO DO TRABALHO E O CORONAVÍRUS

Carlos Frederico Pereira da Silva Gama¹

Resumo

O ensaio, através de um estudo de caso (a epidemia global do coronavírus), aborda transformações no mundo do trabalho decorrentes da aceleração da modernização num sistema internacional parcialmente globalizado. Trata-se de uma análise qualitativa focada em revisão bibliográfica da produção referente aos temas supracitados (coronavírus, mundo do trabalho, globalização como modernização). Espaços privados e públicos foram subitamente mesclados num amálgama de desconforto em decorrência da epidemia global de coronavírus. O recurso forçoso ao trabalho doméstico foi um movimento coordenado entre empresas, estados e a força de trabalho. Múltiplas temporalidades, impactos da tecnologia, comunicação limitada sob stress social duradouro e enraizamento local são variáveis-chave da conjuntura transformativa que enfatiza microdinâmicas do lar tornado local de trabalho. O prolongamento do confinamento não é sustentável, à medida que deixamos o curto prazo para trás. Globalização, estados, firmas, pessoas – nenhum deles é afeito ao limbo. Nossos dilemas estão entrelaçados.

Palavras-chave: coronavírus; globalização; local de trabalho; sociabilidade; trabalho.

Abstract

This essay presents a case study (the global coronavirus epidemic) in order to analyzing ongoing changes at the workplace motivated by accelerated modernization in a partially globalized world. It portrays a qualitative analysis informed by a bibliographic revision of the aforementioned topics (coronavirus, the workplace, globalization as modernization). Private and public spaces were suddenly mixed in a wholesale discomfort triggered by the global epidemic of coronavirus. The forceful resort to homeworking is a coordinated move between firms, states and the workforce. Multiple temporalities, roles of technology, limited communication under durable social stress and local enrooting are key variables of this gamechanging conjecture which emphasizes micro level dynamics of leading work across daily life in the same place. The extension of any limbo gets unfeasible as we leave short runs. International intercourse will not afford a limbo for long, neither will nation states, or globalization, or any of us. Then we meet entangled dilemmas.

Keywords: coronavirus; sociability; globalization; work; workplace.

PRÓLOGO

There are in reality not only, as is so constantly assumed, two alternatives — town life and country life — but a third alternative, in which all the advantages of the most energetic and active town life, with all the beauty and delight of the country, may be secured in perfect combination

Ebenezer Howard

To-morrow: A Peaceful Path to Real Reform (1898)

Sob a égide de uma epidemia planetária do novo coronavírus (COVID19) que superou 2 milhões de casos (New York Times, 2020), muitos são tentados a prever quaisquer números de choques futuros. Ou estamos à beira de uma transformação planetária como afirmado por Edgar Morin (LE BAILY;

¹ Professor de Relações Internacionais na Universidade Federal do Tocantins. E-mail: surrealogs@gmail.com



COURAGE, 2020), ou reféns de líderes ineptos, no dizer de Alain Touraine (BASSETS, 2020). Talvez a crise desnudou limites de nossos governos, e permanecemos atravancados com repetições maníacas e teimosas de governantes em rendimento marginal declinante (RODRIK, 2020). Isso é o mesmo que dizer que o COVID19 pode mudar tudo, nada, ou qualquer coisa entre eles.

Nesse meio tempo, ainda não fomos consultados a respeito das condições de mudança. Qualquer dessas profecias deriva da vida cotidiana tal como se apresentava, em escala global, ao fim de 2019.

As lutas então lutadas e ainda em curso, as idas e vindas do intercuro internacional, após um ano de inesperados protestos globais oriundos da sociedade civil, subitamente são vítimas de efeitos colaterais de uma amnesia viral. Contradições tão familiares apenas alguns meses atrás estão agora em suspenso indefinidamente, no momento em que escrevo.

Dessa feita, não carecemos de um ponto de partida (ou de algumas dimensões a explorar). Apesar de estarmos em busca da coruja de Minerva, não há ilimitadas condições de mudança à disposição.

À medida que a maioria das sociedades restringiu seu intercuro e apertou o cinto de suas dinâmicas internas, fomos jogados em “rigoroso isolamento”. Por mais contingente que essa situação pareça (e parece ser exatamente o caso), essas decisões não foram objeto de prolongada discussão pública. O debate foi abertamente fechado. Seja em caráter preemptivo ou reativo, tais ponderações foram deixadas para o *day after* – cuja duração persistimos em suportar.

Quando sairmos de casa, o que veremos está à mercê do passado recente – ou do *interregno* atual?

Espaços privados e públicos foram subitamente mesclados num amálgama de desconforto. E nós, muy despreparados para tal ocasião. Quando a epidemia for aplacada, voltaremos aos anos 2010?

A aposta nas nostalgias – que, dia a dia, atualizamos no cerne de nossas rotinas enclausuradas – vai de repente se tornar inapreensível à sombra de um coronavírus em desapareção. Renovados encontros com espaços e atividades públicas serão desafios consideráveis aos poderes improvisados da mitificação. Toda a crença num retorno a 2019, num instante, se tornará expectativas frustrantes.

Muitos de nós procurarão o que restou de 2019, compreensivelmente. O prolongamento do limbo não é sustentável, à medida que deixamos o curto prazo para trás. Globalização, estados, firmas, pessoas – nenhum deles afeito a limbos de qualquer natureza. Nossos dilemas estão entrelaçados.



A SUSTENTABILIDADE DE ROTINAS FLEXÍVEIS NUM MERCADO GLOBAL

Após uma década de incessantes transformações produtivas, tecnológicas e comportamentais, muitos de nós conduzem vidas crescentemente flexíveis, no seio das quais o trabalho se estabelece. Essa constatação constitui uma surpreendente reversão conceitual. Por séculos a fio, a Modernidade teve como uma de suas fundações o trabalho como uma matriz organizadora.

O trabalho permaneceu no cerne de incontáveis gerações de vidas imbuídas de futuridade premente. Agora, é o que nos parece, o trabalho foi deslocado desses lugares privilegiados. O local de trabalho (*workplace*) não mais corresponde a uma referência incontornável para atividades produtivas/criativas, ao passo que o tempo para ser gasto cautelosamente é buscado como uma *commodity* rara, se torna um tesouro em expansão.

Companhias, governos, entidades da sociedade civil mudam suas molduras institucionais para acomodar atitudes autárquicas no local de trabalho (nos casos em que há uma separação rígida entre este e a habitação). Atividades colaborativas progressivamente substituem escalas hierárquicas – e de modo confuso, à medida que muitos trabalhadores buscam refúgio em rotinas de sua própria confecção, operando em casa (ou no que dantes considerávamos como tal). Empreendedores, líderes, gestores, fundadores, diretores, coordenadores, tutores tem que lidar com diferentes temporalidades em curso em suas equipes – bem como com famílias de geometrias variáveis.

Um número infindo de jogos complexos já está em curso – provavelmente subestimados nos planos de trabalho. Até o dia em que estes vêm à superfície, mobilizados por mudanças em escala global.

TRABALHO DOMÉSTICO COMO CONTENÇÃO: COORDENAÇÃO SOCIAL SOB FORÇA MAIOR

A despeito da polêmica em andamento sobre o “distanciamento social” como resposta à epidemia global do COVID19, o recurso forçoso ao trabalho doméstico foi um movimento coordenado entre empresas, estados e a força de trabalho. Esse movimento se desenrolou em consonância com tendências bastante antigas, o que aumenta a urgência de reflexões sobre entrelaçamentos contemporâneos entre diferentes rotinas de trabalho e escalas de espaço-tempo sociais.

Ao fechar abruptamente diferentes locais de trabalho, as políticas públicas orientadas para combater a misteriosa enfermidade desencadearam surpreendentes confianças em casa. Não é preciso dizer que diferentes tipos de habitação comportam capacidades divergentes de trabalho. Os papéis



cambiantes das famílias e seus integrantes tendem a se acelerar num contexto global e aumentam desafios da gestão, ao abordar reiteradas assimetrias inesperadas entre membros da mesma equipe.

Os desafios do trabalho remoto incidem sobre todo tipo de sociedade num curto espaço de tempo. Múltiplas temporalidades, impactos da tecnologia, comunicação limitada sob stress social duradouro e enraizamento local são variáveis-chave dessa conjuntura transformativa. Entretanto, o que se ressalta no cômputo geral são as externalidades negativas da globalização, origem de múltiplos descontentamentos nas novas demandas por sociabilidade hipermediada.

A globalização nunca foi uma via de mão única. Uma vez posta em marcha ela não aponta de antemão as direções da mudança. Nesse sentido, não devemos subestimar o risco – tampouco a resiliência de hábitos e mentalidades. Apesar da relativa preservação do *ethos* e das visões de mundo, vivemos em tempos de crescentes reversibilidades e redundâncias. Coisas podem ser desfeitas rapidamente, como dantes apenas em sonhos. Ainda assim, estamos distantes da solidez que se desmancha no ar.

O distanciamento social não é uma mão invisível promotora de empatia. Fechar a porta e deixar outros lidarem com o coronavírus “lá fora” nos parece conveniente autoajuda. Incidentalmente, essa rota promove um mundo de muros e arame farpado, mundo composto de estranhos (GIDDENS, 1991) amedrontados.

Quando sairmos dos lares, como podemos voltar a coexistir (BAUMAN, 2001) num mundo que nos parecerá estranho?

Devemos nos contrapor a essas tendências, dentro e fora dos locais de trabalho. A solidariedade com aqueles afetados pelo COVID19 não pode ser seletiva. Devemos ser abertos a diferentes perspectivas.

Em termos de sociabilidade, diferentes culturas de trabalho vão apresentar diferentes reservas ao distanciamento social. Este pode desacelerar a produtividade ou dificultar a inovação, em alguns casos. Em outros, ele poderá incentivar diferentes formas de colaboração ou ainda facilitar ajustes estruturais via destruição criativa.

A jornada súbita rumo ao trabalho doméstico muda o foco da gestão – do planejamento global (de comunidades, distritos, cidades, regiões, estados) rumo às microdinâmicas de seguir o trabalho ao longo da vida cotidiana num mesmo lugar. À medida que a conectividade cede espaço à introspecção, há mais variáveis nas vidas entrelaçadas do trabalho que de costume. Adicionemos desafios de lidar com o confinamento durante uma epidemia global. Tradições não serão suficientes nesse contexto.

A sedimentação de habitações numa vasta multiplicidade de identidades e estilos de vida na longa duração é algo que dificilmente seremos capazes de planejar no curto prazo. Então, acomodações



virão antes que a adaptação possa se estabelecer. Coordenação através de diferentes lares é algo com o qual estamos sumamente não-familiarizados. O desconforto é compreensível e também indesejável.

Os próximos passos nos chamam à ação. À medida em que a soma das tendências futuras se aproxima, a hora é adequada para perguntar: *quais capacidades² estamos trazendo para a mesa, a fim de tornar essa impressionante transição mais suave?*

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Nick. “To salvage the semester, college professors make a rapid pivot to teaching online”. **Washington Post** [31/03/2020] Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/local/education/to-salvage-the-semester-college-professors-make-a-rapid-pivot-to-teaching-online/2020/03/27/115b4314-6f68-11ea-b148-e4ce3fbd85b5_story.html>.

Acesso em: 20/04/2020.

GAMA, C. F. P. S. “The Future of Work and Coronavirus”. **LinkedIn** [19/03/2020] Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/future-work-coronavirus-carlos-frederico-pereira-da-silva-gama/>.

Acesso em: 20/04/2020.

BASSETS, M. “Alain Touraine: ‘Choque econômico do coronavírus pode produzir reações fascistas’”. **El País** [31/03/2020]. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-31/alain-touraine-choque-economico-do-coronavirus-pode-produzir-reacoes-fascistas.html>>. Acesso em: 31 Mar. 2020.

BAUMAN, Z. “The Great War of Recognition”. **Theory, Culture & Society**, vol.18, n. 2-3, 2001.

GIDDENS, A. **The Consequences of Modernity**. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LE BAILY, D. & COURAGE, S. “Edgar Morin: ‘Le confinement peut nous aider à commencer une détoxification de notre mode de vie’”. **L’OBS** [18/03/2020] Disponível em: <<https://www.nouvelobs.com/coronavirus-de-wuhan/20200318.OBS26214/edgar-morin-le-confinement-peut-nous-aider-a-commencer-une-detoxification-de-notre-mode-de-vie.html>>. Acesso em: 20/04/2020.

NEW YORK TIMES. “Worldwide Confirmed Coronavirus Cases Top 2 Million”. **New York Times** [15/04/2020]. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/04/15/world/coronavirus-cases-world.html>>. Acesso em: 20/04/2020.

RODRIK, D. “Will Covid 19 Remake the World?”. **Project Syndicate** [06/04/2020]. Disponível em: <<https://www.project-syndicate.org/commentary/will-covid19-remake-the-world-by-dani-rodrik-2020-04>>. Acesso em: 20/04/2020.

SCHUMPETER, J. **Capitalism, Socialism and Democracy**. New York: Harper & Brothers, 1942.

² Agradeço à Kapacity pela oportunidade que tivemos de refletir conjuntamente sobre “The Future of Work” (Londres, Reino Unido 7 de Agosto de 2019)



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 2 | Nº 5 | Boa Vista | 2020

www.revista.ufrr.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima